

PESSOA, Desirée Gomes da Veiga. Pensamento complexo e novos agenciamentos da ética no teatro. Porto Alegre: PPGAC/UFRGS (Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul); Mestranda; Bolsista REUNI; Orientanda da Professora-Doutora Marta Isaacsson de Souza e Silva. Encenadora e Atriz.

RESUMO

A relação entre os sujeitos que integram um coletivo teatral é um forte elemento de composição da obra do grupo. Assim, a questão central do presente estudo é a forma como as ações individuais dos criadores conseguem se harmonizar no âmbito coletivo. A pesquisa foi realizada por meio da observação participante do processo de criação do espetáculo Primeiro Amor (2010), junto ao grupo Neelic – Núcleo de Estudos e Experimentação da Linguagem Cênica, de Porto Alegre. A partir das teorias de Edgar Morin, sobretudo da reflexão acerca de seu conceito de pensamento complexo, a comunicação discute o contexto atual de grupo teatral no Brasil, e lança questionamentos acerca de novas formas de agenciamento.

Palavras-chave: Grupo de Teatro. Pensamento Complexo. Encontro.

RESUMEN

La relación entre los sujetos que forman parte de un colectivo teatral es un fuerte elemento de la composición de la obra del grupo. Por lo tanto, la cuestión central de este estudio es cómo las acciones de los artistas son capaces de armonizar en lo colectivo. La investigación se llevó a cabo a través de la observación participante del proceso de creación de la serie Primeiro Amor (2010), con el grupo Neelic – Núcleo de Estudos e Experimentação da Linguagem Cênica, Porto Alegre. Desde el pensamiento de Edgar Morin, sobre todo el reflejo de su concepto de el pensamiento complejo, el estudio analiza el contexto actual del grupo de teatro en Brasil, y preguntas acerca de los lanzamientos y las nuevas formas de agencia.

Palabras clave: El grupo de Teatro. Pensamiento Complejo. Reunión.

Pensamento complexo e novos agenciamentos da ética no teatro

Vivemos num tempo em que a percepção da complexidade do pensamento possibilita o agenciamento de novas relações com a realidade que nos circunda. A noção de pensamento ordenado, linear, é refutada.

Assim, passo a refletir sobre a questão da relação entre o comprometimento ético dos criadores e o olhar do espectador no campo das artes cênicas, que, observo, emerge deste contexto atual. Para melhor efetivar tal propósito, explorarei o universo do *pensamento complexo* estudado por Edgar Morin, a noção de *espectador-compreendedor-compreendido*, de Jean-Pierre Sarrazac, o *paradoxo do espectador*, de Jacques Rancière, o entendimento de *teatro como um encontro*, de Jerzy Grotowski, como também a experiência prática de

trabalho em artes cênicas do grupo Neelic – Núcleo de Estudos e Experimentação da Linguagem Cênica (2003), de Porto Alegre.

Situemos a noção de companhia teatral. A concepção de grupo que vivenciamos atualmente, no contexto brasileiro, modificou em comparação às décadas de 1960 e 1970, nas quais houve um forte movimento coletivo em nosso setor, de caráter nacional, devido ao contexto político da ditadura militar. Os artistas que se agrupavam para fazer teatro naquele momento estavam com suas subjetividades repletas de marcas oriundas das ocorrências e consequências da repressão. Desta forma, a noção de grupo na situação nacional da época estava muito ligada a um discurso e uma tentativa de pensamento *comum, único*, de uma estrutura coletiva que desejava falar a uma só voz. Este processo de estruturação no campo artístico do período — e não apenas brasileiro, ressaltado — é observado por Marianne Van Kerkoven em seu texto *A fusão da ideologia e da estética no teatro contemporâneo* (s/d).

Os anos 80 foram anos marcados por uma enorme diversidade cultural. Após esse período, já nos anos 90, a noção de grupo começa a se fazer presente novamente, mas de forma modificada. Hoje se vê um crescimento cada vez mais forte dos movimentos coletivos na área das artes cênicas, com o surgimento de vários grupos novos anualmente. Todavia, os integrantes de um coletivo não desejam mais, ou não conseguem, falar sob uma única voz. A diversidade está presente e se faz respeitar.

No caso do grupo Neelic, podemos pensar nas decisões que envolvem o cotidiano da companhia. Decidir, sabemos, é o processo de análise e escolha entre várias alternativas disponíveis, é também posicionar-se em relação ao futuro. Entretanto, por estarmos vivendo em um tempo no qual a estrutura do pensamento social não segue mais o paradigma da simplicidade, cada decisão a ser tomada revela muitos aspectos inesperados do comportamento dos sujeitos envolvidos. Por vezes na vivência prática do grupo Neelic ocorrem mudanças impensadas de ideias ou posicionamentos de um ou mais dos sujeitos integrantes com relação a uma decisão tomada coletivamente. Tal fenômeno causa certo espanto aos demais no instante em que sucede. Todavia, rapidamente o acontecimento é administrado, pois a rápida transição de óptica e opinião se tornou algo não tão surpreendente no contexto atual. A contradição é parte do dia a dia, e um novo diálogo se estabelece a partir disso.

No grupo Neelic criamos, a partir da observação de tais fenômenos, o hábito da partilha de sensações, desejos, frustrações e expectativas num diálogo frontal realizado entre os integrantes com frequência semanal. Interrogo-me, porém, sobre outras formas e procedimentos de agenciamento deste tipo de situação.

Observo que fenômenos semelhantes aos vivenciados no coletivo que integro estão em sintonia com o que observa Edgar Morin (2003) em seu texto sobre o paradigma da complexidade. O autor afirma que é preciso ver a complexidade onde ela aparece em geral ausente, como na vida cotidiana, por exemplo.

Para compreender o problema da complexidade, segundo Morin, é preciso saber primeiro que há um paradigma da simplicidade.

Morin afirma que o paradigma da simplicidade põe ordem no universo e expulsa dele a desordem. O princípio da simplicidade pretende separar o que está ligado (disjunção) e unificar o que está disperso (redução). Então, o autor toma como exemplo o homem, ser evidentemente biológico. Entretanto, o homem é ao mesmo tempo um ser cultural, metabiológico e que vive num universo de linguagem, de ideias e de consciência. Ora, estas duas realidades, a biológica e a cultural, o paradigma da simplificação, obriga-nos a separá-las e a reduzir a mais complexa à menos complexa. O resultado é que se estuda o homem biológico no departamento de biologia, e estuda-se o homem cultural nos departamentos das ciências humanas e sociais. Esquece-se, assim, que um não existe sem o outro; ou melhor, que um é simultaneamente o outro, embora sejam tratados por termos e conceitos diferentes.

Morin nos lembra que a obsessão da simplicidade conduziu a aventura científica a descobertas impossíveis de conceber em termos de simplicidade. E então, no século XIX, ocorreu um acontecimento importante: a irrupção da desordem no universo físico.

Todavia, com o exemplo dos remoinhos de Bénard, o autor nos lembra de que há uma forma de organização no caos: a desordem e a ordem, sempre inimigas uma da outra, cooperam de uma certa maneira para organizar o universo. Ao se desintegrar, o mundo se organiza.

Resgatando as palavras do próprio Morin, observamos a dificuldade de conceber a complexidade do real. Entretanto, é preciso compreender que há algo mais do que a singularidade ou que a diferença de indivíduo para indivíduo, o fato de cada indivíduo ser um sujeito. A palavra sujeito é, segundo este autor, uma das palavras mais difíceis, um dos maiores equívocos que possam existir. Morin explica que na visão tradicional da ciência em que tudo é determinismo, não há sujeito, não há consciência, não há autonomia.

Entretanto, Morin também propõe que, se já não concebermos um estreito determinismo, mas um universo onde o que se cria, se cria não apenas no acaso e na desordem, mas nos processos auto-organizadores, quer dizer, onde cada sistema cria as suas próprias determinações e as suas próprias finalidades, podemos compreender a autonomia e o sujeito.

Ser sujeito, para o autor, não quer dizer ser consciente; nem ter afetividade, sentimentos, ainda que evidentemente a subjetividade humana se desenvolva com a afetividade, com sentimentos. Ser sujeito é colocar-se no centro do seu próprio mundo, é ocupar o lugar do “eu”.

É claro que cada um dentre nós pode dizer “eu”. Toda a gente pode dizer “eu”, segundo Morin. Mas cada um só pode dizer “eu” por si próprio.

O fato de poder dizer “eu”, de ser sujeito, é ocupar um lugar, uma posição onde se coloca no centro do seu mundo para poder tratá-lo e tratar-se a si mesmo. É

o que se pode chamar de egocentrismo. Daí, sob meu ponto de vista, a noção de grupo ter mudado, atualmente. A dissolução da visibilidade de um *inimigo comum*, como era o caso das ditaduras nos anos de 60-70, juntamente com as reflexões estabelecidas sobre a ideia de sujeito, modifica o sentido de grupo teatral. Agora a óptica individual muitas vezes fala mais alto do que uma causa comum. E se faz necessário um novo modelo de articulação, já que há o desejo pelo trabalho coletivo. Lembremos da afirmação de Morin, que o ser humano é sempre egocêntrico — no sentido de que vê e vivencia o mundo a partir de si mesmo.

Todavia, Morin nos lembra que a complexidade individual é tal que quando nos colocamos no centro do nosso mundo, também colocamos aí os nossos: quer dizer, os nossos pais, os nossos filhos, os nossos concidadãos e somos mesmo capazes de sacrificar as nossas vidas pelos nossos. O nosso egocentrismo pode concentrar-se englobado numa subjetividade comunitária mais larga; a concepção do sujeito deve ser complexa. Talvez aí esteja a chave desta nova articulação coletiva sobre a qual falávamos. Ser sujeito, afinal, é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente. E é exatamente nesta relação de autonomia-dependência que uma nova concepção de grupo e de ética na criação talvez possa alicerçar suas bases. Somos seres comunitários, afinal.

Não esqueçamos que, para Morin, cada um vive para si e para outro de maneira dialógica, ou seja, ao mesmo tempo, complementar e antagônica. *Ser sujeito é associar egoísmo e altruísmo*. Assim, “Todo olhar sobre a ética deve reconhecer o aspecto vital do egocentrismo assim como a potencialidade fundamental do desenvolvimento do altruísmo”. Morin (2007, p. 21) afirma ainda que a ética está ligada a um ato individual de religação com o outro, com a sociedade e, no limite, com a espécie humana.

Neste ponto tendo a considerar o papel do artista como provocador-gestor da sociedade. Ao se debruçar sobre seu trabalho, cavar um buraco muito fundo para encontrar seus ideais, é que o artista faz vanguarda.

Penso então que podemos — e devemos —, como artistas deste momento em que está evidente a complexidade do universo, refletir sobre uma ética que atenda a estes novos formatos sociais. Penso na noção de *encontro*, de um *verdadeiro encontro*, proposta por Grotowski. Reflito sobre este encontro consigo e com o outro. A percepção da minha complexidade poderá me conectar com a complexidade do outro? Neste momento, fica ainda a pergunta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. “O Terceiro Sentido”, pp. 45-61. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria da Administração**. São Paulo: Makron Books, 1997.

GOMES, Luiz Flavio; GOMES, Carlos Francisco Simões; ALMEIDA, Adiel Teixeira. **Tomada de Decisão Gerencial: um enfoque multicritério**. São Paulo: Atlas, 2006.

KERKHOVEN, Marianne Van. “La fusión de la Ideología y de la Estética en el

Teatro Contemporâneo”. **Cuadernos de Teatro**. Universidad de Málaga/Extensión Universitaria. s/d.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**, pp. 85-113. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2003.

_____. **O Método 6: Ética**, pp. 15-28. Porto Alegre: Sulina, 2007.

OLIVEIRA, D. P. R. **Sistemas de informações gerenciais: estratégias, táticas, operacionais**. São Paulo: Atlas, 2004.

FONTES VIRTUAIS

<<http://verbobr.blogspot.com/2007/12/teatro-brasileiro-do-sculo-xx.html>>.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tomada de decis%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tomada_de_decis%C3%A3o)>.

<<http://neelic.com.br>>.